Thomaz Ribeiro

CARTA DE ALFORRIA

RIO DE JANEIRO
1895

05/0000304

PROLOGO

«Meu querido Camillo.

Vás ficar mal commigo.

Pensaste que ao ver entrar no Tejo o *Alagoas*, que trazia a seu bordo a familia imperial do Brazil, tive lagrimas para aquelles infortunados; enganas-te; saudei no intimo a sua carta de alforria.

Eu não conheço nada mais afflictivo — actualmente — mais degradante, as vezes, do que a sorte de quem reina, de quem preside, ou de quem governa.

Além de que o Brazil em revolta, ou em revolução, que n'aquelle paiz prodigioso é rapida a expansão natural — nem matou o imperador, nem a imperatriz, nem entregou os principes ao sapateiro Simão.

Hosanna in excelsis et in brasilicis plagis.

Nunca mais humanamente, mais suavemente, mais ceremoniosamente, se intimou sentença dictatorial de despejo ao primeiro cidadão de uma republica, ao primeiro magistrado de um imperio. Honra seja, e digo-o sem ironia, aos iniciadores da revolução do Brazil. Não os applaudo, porque a sua victoria foi demasiado facil e facilitada, para que fôsse heroica ou gloriosa, mas felicito-os porque não tiveram necessidade de recorrer a scenas de violencia.

Bastou-lhes alguma familiar aleivosia, segundo o manifesto do visconde de Ouro Preto.

Eu sinto como o nosso distincto poeta Gomes Leal: não applaudo quem mate os reis, seja republicano ou jesuita. E tambem não sou

por quem d'officio ou de industria os insulte

Posso respeitar quem os combata, por convicção.

Tambem sinto, como Castellar (outro republicano! vê bem o caminho que eu levo) quando acima da republica, do rei, da propria liberdade, punha a existencia honrada e gloriosa da sua patria. Isto quer dizer que o meu conhecido monarchismo não é absolutamente incondicional.

Conheço hoje mais de perto a familia imperial proscripta, e, depois de me approximar d'ella, posso dizer-te que teria vertido todas as lagrimas que pensaste haver, nos meus olhos, ainda felismente susceptiveis de chorar, se em vez de portuguez eu fosse brasileiro.

Familia patriarchal, —adoravel! que sente pelo seu Brazil o internecimento especial dos paes e das mães pelo filhos que lhes sahiram ingratos.

No dia em que do meu albergue da beira do Tejo alonguei os olhos para o navio que arrojava do Brazil á Europa, proscripta, familia que só lhe havia propiciado glorias e venturas, a minha tentação foi dar-lhe parabens. E, pensei, Camillo. . na ephemeridade das realesas.

Exceptuando a tua, meu generoso amigo! a quem agradeço, tão invaidecido da tua amisade que não substituo nem illido, na tua carta, uma só das palavras lisongeiras que me dirige, e vou de braço comtigo levar o nosso preito e homenagem ao Sr. D. Pedro d'Alcantara, augusto filho d'esta nação.

Feitoria, Dezembro de 1889.

Thomaz Ribeiro».

CARTA D'ALFORRIA

EPISTOLA DE PARABENS

A Sua Magestade o Sr. D. Pedro d'Alcantara

POR TER OBTIDO GENEROSAMENTE DO BRAZIL

O SEU DIPLOMA DE LIBERTO

Omnes amici mei.
JOB.

I

A Sua Magestade Imperial!...
. . . . . .
— Dizendo só assim, sem dizer d'onde,
parece um cumprimento curial,
sem offensa aos ministros brazileiros,
visto que o nome do — Brazil — se esconde.
Evito alguma nota diplomatica
e salvo os meus patricios *marinheiros*.
É bom ser cauteloso na pragmatica.

A sua magestade imperial,
minusculos agora o — *m* — e o — *i* — ...
. . . . . .
Até os commandantes do *Alagoas*,
entrando o Tejo e fundeando aqui,

podiam arvorar velhas bandeiras,
pondo-lhes escumilha nas corôas.
Eram pendões imperiaes *minusculos*,
visto faltar modêlo
para novo desenho, a novas côres.
Içal-os, pois, não deshonrava os musculos
dos nobres vencedores
do bravo Paraguay, em Riachuelo.

Tambem posso dizer: — *A ti, D. Pedro* ! —...
É mais republicano, é mais pedestre,
e é mais patriarchal;
e, emquanto assim o abato, eu subo e medro !...
Mas não ! — é velho e bom e grande e mestre !

A Sua Magestade Imperial !
E agora vai maiusculo o — *I* — e o — *M* —.

Se n'estas minudencias me demoro
é que tudo é prudente, ou — tudo treme
de dizer o que sente, — se é que sente ! —
de respeito, carinho, obsequio, amor;
e singra o cumprimento entre desvios,
— oh ! femenilidade que eu deploro ! —
como baixel pirata entre baixios:
olho no imperador,
olho em Manoel Deodoro !

Por mim, no dia em que este fôr proscripto,
se fôr, que o não desejo ! e entrar no Tejo,
prometto ir ajuntar-me ao seu cortejo.

Gritar, nunca gritei, tambem não grito;
mas se o não vou saudar ás eminencias,
protesto não faltar ás condolencias.

II

Senhor, bem vindo ! Posso emfim saudar-te
da minha obscuridade romançosa;
eu, que fugia sempre de buscar-te,
que sempre me ficava quedo e mudo
quando podias tudo,
saudo-te hoje que, prostrado, inerme,
já não pódes fazer-me
barão, conde, marquez, gran-cruz da Rosa.

Dizem que vais deixar-nos; sinto-o d'alma
Perdido o teu Brazil a patria é esta,
esta a casa solar de teus avós;
e se o lar da familia a dôr acalma,
Senhor, vem para nós !

A rua da amargura é longa e mesta;
a bahia do Tejo é clara e mansa.
Martyr eternamente *violentado*,
encosta a cruz aos muros de Bragança.
Arrasta'l-a a sorrir, mas vens cançado !
em casa estás, descança !

Se te pagaram mal os teus amores
a ti — liberal, bom, franco e leal,

prestigioso, honrado, —
foi que o paiz das palmas e das flôres
não se julgou de todo emancipado
emquanto houvesse um rei... — do Portugal.
Mais um motivo para seres nosso,
visto como de nós te veio mal.

Eu sei, Senhor, que uma policia... nova !
te invade em chusma o lar... — abstruso preito ! —
remexe nos papeis, desmancha o leito,
o oratorio profana e espreita a alcova ;
que sonda o rez do chão, a sala, os tectos,
e com sem ceremonia e riso e geito
devassa os gabinetes mais secretos !
dá-nos, em rol diario, os teus manjares ;
pede *inter*... nome feio em lingua estranha !
— mote ás variações dos seus cantares !... —
Como a imprensa inventou praga tamanha !
Mas não fujas, Senhor, d'este castigo,
que onde tu fôres dar, vai dar comtigo.

III

Ou quer ou quiz o occidental colosso
substituir as côres — ouro e verde —
á nacional bandeira.
Que tempo que elle perde
em taes cogitações, em tal canceira !
Se consentem que estranho se intrometta
nas coisas da familia brazileira,

eis uma indicação amiga e franca :
— escolham a côr branca,
orlando-a em volta d'uma tarja preta. —

Eu podia fazer, como poeta,
ganhando fama e gloria de erudito,
uma dissertação longa, completa,
um esmerado estudo
sobre a razão de ser d'esta proposta ;
mas isto é mais artistico.
E eu me explicarei, se houver conflicto.

Pois que sempre era liso e raso o escudo
de todo o cavalleiro incipiente,
ao futuro deixava emblema e distico...

Não quero discretear ; não é prudente.
E nem o leitor gosta
d'ouvir ou lêr razões de facto ou dito ;
pois se elle entende tudo !
E na época actual da era presente !

Occorre-me, porém, n'este momento
relatar o que li n'um livro raro,
ha seculos impresso em Salamanca.
Li, — não posso dizer se vagos topicos
ou se demonstração plena, completa,
de que, não sei por que razão, nos tropicos
muita vez a côr preta se faz branca
e, muitas mais, a branca se faz preta.

Ahi fica o reparo.
Acabo de lavar
as minhas mãos, pela proposta idéa,
na presença de toda a galiléa
d'áquem e d'além-mar.

IV

Tambem dizem, Senhor, que já do Atlantico,
mandaste, por alado mensageiro,
ao teu Brazil querido o extremo adeus...
— anhelo... antigo ! paternal ! romantico !
de velho encanecido patriarcha ! —
e que viste voar a pomba da Arca
'té se perder nos céos,
como se perde no occidente o astro
a que o ausente confia o derradeiro
voto saudoso d'um perdido amor !
Se o facto é verdadeiro,
que imprudencia, Senhor !
Imagina que foi pousar no mastro
d'um navio negreiro !...

. . . . . .

— Pois sahiu esta hypothese á ventura !
e sinto que pareça um desprimor,
suspeita que fulgiu e que se esboça
ao de leve, e comtudo sem mysterio ;
pois sendo certo que, afinal, o imperio
baniu a escravidão e a escravatura
podiam ter, a escravatura, e a roça,
ajudado a banir o imperador.

Volvamos ao papel e ao portador :

Imagina-o suspeito d'espião,
torturado, apalpado ;
encontrado o papel e registrado,
no diario de bordo ! prisioneiro
o misero, espantado mensageiro,
e com grilhões aos pés, como um ladrão !

Pensa agora no horror do auctoridade
recebendo o suspeito documento,
lendo e relendo a cifra enigmatica,
consultando o conselho á puridade,
tendo uma idéa ! e logo
pondo o fatal papel junto do fogo
a vêr se encontra alli tinta sympathica !

Resolve-se por fim — tomar assento,
em sessão permanente, extraordinaria,
de que : — de sobre o mar, o imperador
enviára ao Brazil... — Revel ! traidor ! —
uma proclamação incendiaria !
E para desaggravo da nação,
— acto continuo — o pombo executado
por crime de traição e aleivosia,
e condemnados — vós — á revelia,
pedida a Portugal a extradição !...

Fugi, Senhores !... —Não ! que o portador
tendo a garganta larga, se era macho,
percebendo que o tinham por traidor
enguliu o despacho !

D'esta sorte o Brazil dormindo em calma
accorda, sem cuidados, alto dia,
e segue sem receio e sem revez,
no mais puro e ideal socego d'alma ;
e ficam ainda a salvo desta vez
D. Pedro, e a lusitana monarchia.

V

Tudo isto o que faz
é pensar que os arroubos da poesia
são causas d'imprudencia a mais completa ;
e concluir, Senhor :
— Não póde haver imperador poeta,
nem poeta que seja imperador. —

Que eu entendo que o mundo não se entende !
Se o reinante é poeta, — escreva prosa ! —
se escreve prosa, a opposição emprehende
mostrar-nos que a dicção é suspeitosa ;
se falla—certa é logo a inconveniencia ;
se não falla e se esconde, — é oriental
imperador da China ou do Japão ; —
se amnistia, bondoso e paternal,
— tem medo ! quiz matar, tremeu-lhe a mão ! —
se nos manda enforcar — é cannibal !... —

Não entendo ! Com a mão na consciencia !

Hontem diziam :—Que sagaz politico !
como elle prevê tudo, e toma a frente

aos liberaes desejos da nação ! —
Hoje : — Eu tinha previsto o dia critico
d'este desabamento, era evidente !
descer de concessão em concessão !... —
Os do—*pró*—e do *contra*—os mesmos são,
e viram tudo pela mesma lente.

VI

Consola-te, Senhor ! reinos e imperios,
que foram — *santo officio* — aos governados,
são hoje — *santo officio* — a quem governa !
os reis são pois aos tratos condemnados !
seja em que l gar fôr dos hemispherios,
o throno deu lugar ás gemonias !
o sceptro diz : — condemnação eterna ! —
a purpura é signal de vilipendio !
os povos andam a atear o incendio
que devoral-os póde entre agonias !

Feliz de ti que, protector e amigo,
sagraste aos filhos teus toda a existencia ;
coração sempre bom, n ão sempre justa !
E de lá que trouxeste ? — a consciencia !
do bem-fazer a recompensa augusta !
da honra unico premio.

Pela real corôa a laurea cinge
de sabio, de poeta, e exulta ! os sabios
esperam-te em seu gremio.
Que um sorriso te esmalte os frios labios !

Não tens manto real? veste a alva stringe!
Já não és *violentado*, és libertado.
Desperta, emfim, do pesadêlo atroz
a que, ao nascer, te havia condemnado
a tua sorte algoz.

VII

Dizem que a monarchia é aggravo e insulto
aos destinos viris d'um povo adulto!
e assim será talvez! Oh! mal peccado!
Tudo está em saber, mas com verdade,
qual é do povo a idade,
o sexo, o nome, a filiação, o estado,
o que se não estuda nem se aprende.
nos registros civis ou nos do abbade.

Outra materia em que ninguem se entende.

Já hoje a questão magna, a questão publica,
a questão social da humanidade,
não é de rei nem roque nem republica,
é puramente e só—*d'auctoridade*—,
o — legal empecilho,—
que ainda garante o somno aos moradores.
Dir-se-ha, e isto nos sirva de cautela!
que o que n'esta pendencia se revela
é propicio advento a salteadores.

Que porvir de grandezas e gloria e brilho!
No entanto uns vão de velhos a meninos,

outros, sem attingirem madureza,
vão da infancia a senil decrepitude;
(testemunhas de lei — Camões, Castilhos)
tal é *desconcertada a natureza*!—
o andar o mostra e a lingua e os desatinos.

Mas vão lá consultar os taes senhores!
muitos são grandes, todos são — maiores!...—

Ecco, do immenso, universal concerto
saudo-te, Senhor, do fundo d'alma;
nasceste martyr e colheste a palma;
nasceste para escravo,—eis-te liberto!

VIII

Acompanho os teus votos de ventura
ao Brazil, — filho nosso, ou nosso irmão...
se elle nos aceitar o parentesco.
A's vezes quanta mais democracia
mais se apura a pretensa fidalguia,
no aprumo da creatura,
no porte e na prosapia das nações;
a ponto de negar-se: — tradições,
haja de fastos proprios cópia ou mingua,
— avós, — a gloria herdada, — o nome, — o escudo,
— a historia, — a propria lingua...
Encontra-se de tudo;
mas no Brazil, Senhor, decerto não.

IX

Ousaste ser libertador, — escravo!
liberta emfim de ti, da monarchia,
a republica, em premio e sem aggravo!
impôz-te... ou deu-te! a carta d'alforria.

Pois que é tornado em sambenito o arminho,
acclamo-te, Senhor, não te deploro! ...
. . . . . .
Se me adianto mais n'este caminho,
chego a dar — vivas — a Manoel Deodoro.

IN EXCELSIS

CORÔA DE SAUDADES PORTUGUEZAS SOBRE O FERETRO

DA

PRIMEIRA DAMA BRAZILEIRA

CARTA DE PEZAMES AO SEU AUGUSTO VIUVO

Que muero, porque no muero.

SANTA THEREZA DE JESUS.

I

Senhor, começa a morte
a cumprir os decretos d'exterminios,
longe da tua patria e teus dominios.

Quiz Deus que Ella morresse em Portugal.
Que morresse a teu lado
e na *Cidade Invicta*, — a tão *Leal*!
ao pé do coração do Rei-Soldado!
Repara na harmonia dos destinos:
— Os grandes que o Brazil baniu do solio,
devendo-lhes ventura e liberdade,
vieram achar lagrimas ou hymnos,
— pantheon glorioso ou capitolio, —
dentro dos muros da *Leal Cidade*!

II

Pobre fonte senil!
curva-te á lei fatal da treda sorte.
A humanidade é má, sempre que é forte,
ou tal se julga ao vêr-se triumphante.

III

No mysterioso instante
de libertar-se o espirito gentil
da grande, augusta Mãi, Avó, Consorte,
Ella viu, na miragem da saudade,
do desterro sem culpa, — o seu abril!
— o seu multiplo amor, — o Esposo, os Filhos...
sonhos de tantas glorias e venturas,
tantas prosperidades, tantos brilhos!
os bens que semeou por sua mão
e os prantos, a miseria, as amarguras
que pôde suavisar com bem-querer!...
e disse: — «Nunca mais eu te hei de vêr!...
«nunca mais formosissimo Brazil!...

E evocava a celestial visão,
n'um tremulo de voz, sorriso e pranto,
que inspirára ao pincel um novo encanto
de *transfiguração*.
E alou-se para Deus a alma gentil
e partiu-se de dôr um coração.

IV

Que mal fizestes vós? que mal fez Ella,
a quem Deus aureolou de eterna aurora?
Volve, Senhor, a mim teus olhos baços!
dize-me os crimes teus, que o mundo ignora!
Que mal fizestes vós áquelles povos
que, nos seus pendões novos,
estrellas pintam, apagando a estrella
que tantos annos lhes guiára os passos
pelos caminhos da honra e da ventura?
Dize: qual foi o crime, a culpa, o erro
porque te condemnaram a desterro
que só tem de acabar na sepultura?

V

Inda hontem eu sorria, ao recordar-me
da *carta d'alforria* generosa
que trouxeste d'além das grandes aguas,
dada com pouco sangue e muito alarme.
Era um raio de luz na *luctuosa*,
procurando uma tregoa ás tuas magoas,
pois que, menos que drama, era comedia
que se representava no teu Rio.
Porém o palco é dividido: — a um lado
ha tripudios alegres no tablado,
e no outro ha pranto e morte; — uma tragedia!...
Agora já não rio.

VI

A humanidade é má, se em multidão
conseguir os laureis d'uma victoria
ou a ganancia vil d'uma traição.
E por mais vil que seja sempre a historia,
ha de justificar os ganhadores,
e castigar as victimas da sorte.
E sempre, covardissima canção,
mendicante e servil, chamará — gloria —
ao crime collectivo e aos seus horrores!

Queres saber? — acho ventura a morte.

VII

A humanidade é má, cruel, damninha.
A biblia diz que Deus se arrependera
de haver creado o homem. Razão tinha.
Seja Cam ou Caim a humana fera,
ou mate ou escarneça,
que lhe importa, Senhor, que uma cabeça
cáia por terra aos golpes d'um cutello?
que n'um dia... n'uma hora! se embranqueça
o loiro, formosissimo cabello
d'uma fraca mulher? — Prorompam hymnos!
o povo, — o grão senhor, — o formidavel,
— a anonymo, — o inconsciente, — o irresponsavel
despenha-se, em triumpho, aos seus destinos,
em catadupa clamorosa, ingente...
nem sempre crystallina ou transparente.

VIII

E a multidão applaude-se ! Que póde
uma voz, fraca e só, contra esses crimes ?
ninguem, ninguem a escuta nem lhe acode,
a não ser com grilhões ou com mordaça.
— A multidão algoz vence. Depois
chega a historia e chama-lhes : — Heroes —.
chega a epopeia e chama-lhes : — Sublimes — !...
. . . . . .
Esqueceu a desgraça.

IX

Não penses que entre o povo e as monarchias
eu seja parcial da prepotencia,
como não sou tambem das anarchias.
Por estudo e por indole, a tendencia
da minha alma leal, mas insubmissa,
poz o seu ideal n'uma trindade
que inda ha de ter direito de cidade:
— Libertação, Verdade e sã Justiça.—

Cahir do throno um imperante, é grave...
E' vago o adjectivo ? Quem mais sabe
que diga e que precise o que eu não sei.
— E' muito grave cahir do throno um rei ;
— mais grave é cahir d'elle a monarchia ;
— mais grave é vêr sem norte a ignara grey ;
e, sem respeito a si, ao mundo, á lei,
vêr a nação perdida, no outro dia.

X

Diz a artificial — austera critica
que não ha coração, nem póde haver,
nos feitos e conceitos da politica,
onde ha direitos só, ou só dever,
— « A politica » — ! Mysterioso — verbo —
da moderna magia ! o passaporte
de todo o crime, — desde o roubo á morte !
grande salvo-conducto do protervo
que em todas as facções cabe e se ageita
e se faz serviçal e attenta e espreita
a monção de roubar ou de ferir,
em nome... do poder... da autoridade...
do fraternal amor... da liberdade...
de tudo que o faz rir,
quando se vê no espelho da consciencia
que já perdeu com elle a austeridade,
e se vê bem ! — desmascarado e só.

Senhor, é bom morrer !
inda que por mais nada, por não vêr
as ulceras da nova decadencia,
e por não aspirar mais d'este pó.

XI

— « A politica exige-o
« é mister praticar um feito ousado,
« prova de força, que nos dê prestigio. » —

E pratica-se logo o acto immundo.

Esta a lei da anarchia.

— A Politica e — O Facto consummado —!
eis as *razões d'estado.*
Na America, na Europa, em todo o mundo,
que republica reja ou monarchia.

XII

Que não ha coração ? !...
ou deve conservar-se mudo e quedo,
ante a fria razão,
nas maximas questões da sociedade ! ?...
Mas que mobil, que impulso, que segredo
logra convulsionar as multidões
e transmutar a face á humanidade ?
é da fria razão ? — E' das paixões !
E as paixões d'onde vem ?...
Dize, Senhor,
d'onde lhe vinha a Ella tanto amor ?
e a ti d'onde te vem tanta saudade ?

Hypocrita doutrina a das ficções,
e coitada de ti, pobre verdade !

Vens esperar a morte no degredo
— só porque a tua herdeira cria em Deus ! —
no Deus a que jurára obediencia
como elles vão jurar, — mas vão por mêdo !

Mentirosa, servil *conveniencia*
que inda os não deixas proclamar-se —atheus —!
Haja uma ficção mais e adopte-a o povo
que acaba d'expulsar os seus *tyrannos*
e proclama e saúda o *credo* novo.

Como seja preciso, ainda alguns annos
conservar no Brazil d'altar e templo
ao menos um vestigio,
ad pto um novo culto !— E ha d'isso exemplo.

O — Nada — é complacente ; o — Deus — affligo-o ?
pois busque entre as formosas de *Campinas*
(Sem aggravo ao seu pejo e ao seu pudor !)
a que ostente melhor — barrete phrygio ;

que tenha o pé mais curvo e as mãos mais finas,
o olhar mais vivo e a face mais louçã,
as fórmas divinaes de mais primor ;
e eleja a peregrina cidadã
temporaria, se quer, — Deusa do amor.

Na hora propicia em que a Deusa o queira,
has de ir descalça, tu, varrer a esteira
da capella pagã, turma d'atheus !
tal como dizem que a Princeza herdeira
ia varrer o templo do bom Deus,
por sua propria mão...
Humildade christã, que foi virtude ;
hoje, crime de tanta magnitude
que escandalisa a terra e brada aos céos.

Outro crime : — Aboliu a escravidão !!!

. . . . . .

Chora, Senhor ! que mais podes fazer ?
chora, perdoa e ama, e espera a morte.
Não sondes do futuro e negro arcano.

. . . . . .

Bem dizia Herculano
ao vêr o inferno dos baldões da sorte :
— « A's vezes dá vontade de morrer ! » —